

GASTON BACHELARD X DELEUZE E FÉLIX GUATTARI E A DESOBEDIÊNCIA DOS CABELOS CRESPOS NA HERANÇA EUROCÊNTRICA

Jane Fagna dos Santos¹

Resumo: O presente escrito é uma síntese fruto de leituras preliminares e conteúdo abordado em torno da epistemologia da ciência, na formação do espírito científico de Gaston Bachelard, que rompe com o pensamento linear da ciência. Acrescido dos pensamentos rebeldes de Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Introdução: Rizoma* — na construção do seu ponto de vista e na desconstrução da herança filosófica, do pensamento conformista, formando assim, uma política de transgressão, um espírito científico. Somando com o impacto do processo de ressignificação dos cabelos crespos e cacheados e sua transformação e afirmação identitária, como símbolo de representação social e resistência, numa sociedade colonizada por europeus.

Palavras-Chave: Desconstrução. Educação. Espírito crítico. Desobediência.

INTRODUÇÃO

Entender as abordagens de pensadores como Bachelard, Deleuze e Guattari é uma das grandes rebeldias e um levante a um sistema que preserva o conhecimento aprofundado para uma branquitude selecionada, nata. A ruptura se dá na difícil compreensão dos escritos, no desbravar dos seus textos, nos elos, nas mensagens que não são ditas, no mergulho na ciência, numa

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), — Alagoinhas; apresenta o trabalho supracitado como exigência da disciplina Teorias e Métodos, sob orientação do professor Dr. Osmar Moreira dos Santos, semestre 2020.1. Endereço eletrônico: fagnasantos@gmail.com.

tentativa de sair do raso, no aprofundar na filosofia. Chegar até aqui, é um ato de bravura e desobediência.

A epistemologia bachelardiana nasce em meio às revoluções do pensamento científico do século XIX e início do século XX, como a física quântica, as geometrias não-euclidianas e a teoria da relatividade. Bachelard (1996) explica o pensamento científico em três grandes momentos: o primeiro período apresenta o estado pré-científico, que vai da Antiguidade Clássica até XVIII. O segundo representa o estado científico, abrange o fim do século XVIII, ampliando por todo o século XIX e início do século XX. Em terceiro momento a partir das publicações de Einstein, no ano de 1905. Tido como o início da era do novo espírito científico, período em que a Relatividade de Einstein desfigura conceitos primordiais que eram tidos como definidos para sempre.

Com isso, tais revoluções ecoaram pelos diversos campos do saber provocando alterações no entendimento da realidade, como também nas relações entre o objeto e o sujeito, produzindo uma nova elaboração, um novo fazer científico. Essa descoberta abala toda uma perspectiva vigente. As consequências dessas transformações no mundo da ciência e da necessidade de configurações diferenciadas de apreendê-las nasceram novas demandas para epistemologia, cabendo-lhes arquitetar conceitos para lidar com a perspectiva implantada por tais conjecturas, bem como repensar a própria História das Ciências. O surgimento das novas teorias marcou a variabilidade da própria racionalidade, tendo em vista que seus princípios não são imutáveis. Com esse objetivo, Bachelard formula suas fundamentais teorias para a Filosofia das Ciências: a historicidade da epistemologia e a relatividade do objeto.

Gaston Bachelard é considerado como a renovação da história da ciência, historiador e epistemólogo das ciências. Sua obra instaurou um marco não somente na ideia sobre a ciência,

mas também nas reflexões acerca da construção do saber. Conhecido pela sua noção de “ruptura epistemológica”, provocador, pensador irreverente, era considerado por seus pares como mestre que abrisse pistas para melhor compreender o significado do “conhecer”, “aprender”, fundamentado em estudos históricos dos processos de apropriação do saber científico. Bachelard criticou a revolução que a teoria da relatividade causou e o processo linear da ciência, propondo uma ruptura epistemológica através da ciência. Processo esse de ruptura, que se dá a partir do método científico, visões científicas de mundo.

O espírito científico é essencialmente uma retificação do saber, um alargamento dos quadros de conhecimento. Julga o seu passado condenando-o. A sua estrutura é a consciência dos erros históricos. Cientificamente, pensasse o verdadeiro como retificação histórica de um longo erro, pensa-se a experiência como retificação da ilusão comum, a primeira (BACHELARD, 1996. p. 120).

Assim, a discussão em torno da epistemologia do conhecimento, especialmente no que diz respeito ao pensamento empírico, muito empregado nas ciências físicas e químicas e na sua relação com a cultura científica, teorias que envolvem ciências, além de complexas, o pensamento científico surge delineando fenômenos classificando-os em séries os fatos terminantes de uma experiência, tarefa primordial em que se firma o espírito.

Frequentemente fui tocado pelo fato de que os professores de ciências, mais ainda que outros, se é possível, não compreendem que não se compreenda [...]. Os professores de Ciências imaginam que o espírito começa como uma lição, que é possível fazer entender uma demonstração repetindo-a ponto por ponto. Não refletiram no fato de que o adolescente chega à aula de Física com conhecimentos empíricos já constituídos: portanto, não se trata de adquirir uma cultura experimental, mas sim de mudar de cultura experimental, de derrubar os obstáculos já amontoados pela vida diária (BACHELARD, 1999, p. 18).

Em sua fala, Gaston Bachelard pontua alguns descontentamentos com o ensino das Ciências da sua época, com conhecimento de causa, por ter sido professor de Física e de Química em um colégio de 1919 a 1930. Mas, daí, quando trazemos para os dias de hoje, com todas as mudanças que ocorreram de lá para cá, nas práticas de ensino, será mesmo que mudou alguma coisa na forma de ensinar e de aprender? O autor segue suas evidências sobre as suas averiguações históricas e epistemológicas onde repousam seus julgamentos. Respondendo a nossas indagações, um deles aponta um ensino “professoral” (este é o termo empregado pelo próprio Bachelard) e converge com as que são dadas pelo movimento de reforma do ensino contemporâneo. A outra poderia ser utilizada, hoje em dia, para criticar uma versão ingênua desta reforma pedagógica, a que prevê, uma relação excessivamente direta entre o cotidiano e o conhecimento científico, ignorando as necessárias mediações Bachelard denuncia.

[...] a alma professoral, muito orgulhosa do seu dogmatismo, imóvel na sua primeira abstração, apoiada para toda a vida sobre os sucessos escolares da sua juventude, falando cada ano o seu saber, impondo as suas demonstrações, presa no seu interesse dedutivo” (BACHELARD, 1999, p. 9).

Desta forma, é perceptível que de acordo como o pensamento de Bachelard (1996), a ciência não prolonga o conhecimento comum, ela não é a capitalização nem a sistematização do conhecimento comum, ela rompe com esse tipo de conhecimento, supõe uma revolução espiritual na qual o espírito reconstrói o seu saber.

Uma hipótese científica que não esbarra em nenhuma contradição tem tudo para ser uma hipótese inútil. Do mesmo modo, a experiência que não retifica nenhum erro, que é monotonamente verdadeira, sem discussão, para que serve? A experiência *científica* é portanto uma experiência que *contradiz* a experiência *comum*. Aliás, a experiência

imediate e usual sempre guarda uma espécie de caráter tautológico, desenvolve-se no reino das palavras e das definições; falta-lhe precisamente esta perspectiva de *erros retificados* que caracteriza, a nosso ver, o pensamento científico (BACHELARD, 1999, p. 14).

INTRODUÇÃO: RIZOMA

Deleuze-Guattari e suas obras surgem no grupo daqueles oriundos de um período de revoluções comportamentais, convulsão epistemológica, produção de conceitos fundamentais e que respondem às inseguranças que aparecem dos momentos de crise do pensamento, crise que se renova constantemente no espaço tempo da história. Contudo, os autores fogem das explicações ordenadas existentes, da tradição filosófica (mesmo partindo da filosofia, não a entendem como fim, mas como um meio), imprimindo assim, sua própria sistemática criativa, segundo o próprio Deleuze.

Fazer filosofia é tentar inventar ou criar conceitos. Ocorre que os conceitos têm vários aspectos possíveis. Por muito tempo eles foram usados para determinar o que uma coisa é (essência). Nós, ao contrário, nos interessamos pelas circunstâncias de uma coisa: em que casos, onde e quando, como, etc.? Para nós, o conceito deve dizer o acontecimento, e não mais a essência (DELEUZE, 2000a, p. 37).

Logo, o conceito responderia ao fenômeno e não mais ao seu significado puro. A forma pela qual alegamos conhecer, um dado período histórico, sempre esteve atrelada com ao modo como representamos este conhecimento, ou melhor, como “conhecemos” o que é o conhecer. De acordo com estudiosos, é sabido que desde as origens da filosofia grega antiga os seres humanos se preocupam com o que é conhecimento, como se desenvolve, seu processo ou simplesmente como se dá, se confundido em muitos momentos com a própria história da filosofia e o desenvolver de pensamento de cada filósofo. A multiplicidade e o sistema circunstancial dos autores encantam

diversas áreas do conhecimento, dando sentido à sua produção científica, porém, nem sempre alcança uma compreensão do conjunto dos conceitos.

Gilles Deleuze é considerado um pensador rebelde por construir um ponto de vista específico, com perspectiva determinada para levantar questões e tratar dos problemas da sociedade em que vivia. O título de pensador rebelde foi adquirido devido à dificuldade de compreensão de seus escritos, textos e livros, materializando uma rebeldia em relação ao leitor. Indócil, não se submetia ao que estava determinado, estabelecido, especificado. Praticava a política de transgressão no fazer filosófico, por entender que a filosofia devia se abrir para leituras intensivas, para o fluxo do desejo, por essa via sai em prática e constrói a filosofia do desejo.

Se o desejo produz, ele produz real. Se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real decorre disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como autopromoção do inconsciente (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 43).

Ainda sobre a produção do desejo a que o autor se refere, e dentro da atualidade que desnuda nossos dias, é preciso pensar na desconstrução dos desejos e barreiras impostas pelas instituições de ensino na atualidade. Que desejo elas produzem em nós? O que fazemos com os nossos reais desejos, produzidos no ser da realidade? Seguindo com a política da transgressão, Deleuze criticou os novos filósofos por associar a filosofia ao marketing, se colocou ao lado da causa Palestina e dos povos desterritorializados, contra a guerra do Iraque por achar uma guerra imunda. Tinha o sujeito como singularidade, diferentes uns dos outros e na mesma multiplicidade.

A união de Deleuze e Guattari se deu por volta de 1968, quando se conhecem e participam juntos da onda de protestos de maio do corrente ano e, tocados pelo afeto de seus encontros, resolvem levar sua afinidade para escrita conjunta. Nesta parceria surgem vários conceitos e diferentes formas de fazer o exercício filosófico. Por ser uma produção a quatro mãos, a filosofia se torna mais rica em temas e conceitos. O rizoma rompe com o início, meio e fim, trazendo o conceito de ligação, de raiz que sirva de ponto fixo, pivô e se reproduz aleatoriamente. Conceito usado na botânica e exemplificado com o desenvolvimento a partir do rizoma da samambaia e orquídea. A partir deste conceito, Deleuze e Guattari desenvolveram o rizoma na filosofia.

Indivíduos ou grupos somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não tem a mesma natureza. São linhas que nos compõem, diríamos três espécies de linhas. Ou, antes, conjuntos de linhas, pois cada espécie é múltipla. Podemos nos interessar por uma dessas linhas mais do que pelas outras, e talvez, com efeito, haja uma que seja, não determinante, mas que importe mais do que as outras... Se estiver presente. Pois todas essas linhas, algumas nos são impostas de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada, nunca se saberá por quê. Outras devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo nem acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 76).

Linhas que nos remonta ao passado, mas que também nos leva as nossas raízes, nossa ancestralidade, a libertação de modos antigos, linhas que nos mostram a cultura eugenista que segue no fortalecimento do preconceito em marcha, preservando o privilégio branco. Linhas que fomentam um projeto de perversidade no fomento das pequenas tragédias urbanas e diárias, que já nos acostumamos a normalizá-las, que tem como protagonistas principais, o povo negro.

APENAS POR UM FIO

Um fio que te liga à ancestralidade, que define uma etnia, sobretudo a subalternizada. Uma representação estética, um elo separatista. Apenas um fio e todo o processo de afirmação e ressignificação identitária através dos cabelos crespos. Até poucos anos atrás, a juventude negra, por não saber como lidar com o seu próprio cabelo, apelavam para salões de beleza tradicionais. Esta ação se dava por entenderem que no cabelo alisado existia uma “praticidade”, uma beleza socialmente europeia, um refúgio para a fácil inclusão nos meios sociais, no sistema branco vigente do mercado de trabalho, na luta pelo reconhecimento igualitário. Quando se trata de identificação negra no Brasil, é preciso lembrar que ainda existe uma grande dificuldade nessa aceitação pelos seus, ora, por ignorância, ora pela questão cultural atrelado ao negro. Não existe ineditismo na existência de alguns pessoas negras ainda não se aceitarem como tal. Isso faz parte dos resquícios deturpados que se construiu e foi pregado no nosso país sobre a África e os africanos. Dificultando ainda mais essa aceitação de sua ancestralidade, algumas associações pejorativas ligando o negro a alguns atributos sobrevivem até hoje, como a ligação em ser negro e ser escravo, da mesma forma que ter cabelo crespo é sinônimo de ter cabelo ruim. Gomes (2002) nos lembra que o que muda são apenas as variações dada aos apelidos, mas que o sentido de rebaixamento são iguais. E complementa:

Alguns se referem ao cabelo como: “ninho de guacho”, “cabelo de Bombрил”, “nega do cabelo duro”, “cabelo de picumã”. Apelidos que expressam que o tipo de cabelo do negro é visto como símbolo de inferioridade, sempre associado à artificialidade (esponja de Bombрил) ou com elementos da natureza (ninho de passarinho, teia de aranha enegrecida pela fuligem) (GOMES, 2002, p. 45).

É preciso lembrar que para que acontecesse a ressignificação dos cabelos crespos que, ora era ninho de passarinho, ora era bucha de bombril, segundo Gomes, foi preciso um trabalho incansável dos movimentos negros por todo país e suas inúmeras campanhas e ações afirmativas. Aos poucos os cabelos crespos e cacheados foram se transformando em símbolo de representação social e resistência, devido às constantes lutas dos movimentos negros no Brasil. Lody (2004) diz que “O cabelo é um marcante indício de procedência étnica, é um dos principais elementos biotipológicos na construção da pessoa na cultura”. A partir desse processo de aceitação, transição é ato de coragem que impulsionou o autorreconhecimento do povo negro e foram essas ações que despertaram no negro o desejo de mudança, da aceitação da sua negritude e do consentimento da sua identidade.

Com tudo isso, ainda somos minorias nos espaços de representatividades, mesmo sendo maioria em população, decorrência de um processo de negação identitária de um país onde maior parte da população sente vergonha ou medo da sua real identidade, essa gente nunca conseguiu se adequar aos espaços, nunca foi inserido em grupos de destaque, nunca foi introduzida em um contexto real. Essas ações derivam de um padrão europeu imposto na sociedade gerando uma crise de identidade cultural, na qual a elite opressora deprecia e discrimina as raízes negras sua ancestralidade transformando-os em eternos subalternos. Para Gomes (2003, p. 80).

Uma sociedade racista usa de várias estratégias para discriminar o negro. Alguns aspectos corporais, no contexto do racismo, são tomados pela cultura e recebem um tratamento discriminatório. São estratégias para retirar do negro o status de humanidade. Talvez seja esta uma das piores maneiras de o racismo se perpetuar. Ele transforma as diferenças inscritas no corpo em marcas de inferioridade. Nesse processo são estabelecidos padrões de superioridade/inferioridade, beleza/feiura.

Com base nesse processo de inferioridade criado pelos colonizadores na população negra, citado pela autora, me debruçarei em pesquisar e analisar as representações do cabelo crespo das minhas pareceristas, na academia. Para seguir nossa investigação, com os sujeitos de pesquisa, alunas da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) de Alagoinhas, serão realizadas entrevistas através de formulários com perguntas baseadas nas suas vivências e que remonte suas lutas cotidianas e a formas de ressignificações em busca de suas ancestralidades, em suas vidas.

O entrelaçar das reflexões resultará da interpretação dos dados obtidos mediante as realidades sociais das três parceiras de pesquisa, suas percepções e processos de constituição identitária. O desejo da necessidade da pesquisa se deu conforme encontros, mesmo que virtuais, devido ao atual momento de pandemia, debates em aulas. Foi construído também a partir da vivência enquanto mulher negra também de cabelos crespos e da aceitação (ou não) dos fios naturais pela juventude negra nos últimos tempos, no Brasil. Deu-se também por conta da ânsia de conhecer e identificar a razão dessa mudança na estética, que retoma os anos 70, no embelezamento e empoderamento nos dias atuais. Além disso, acrescenta-se ainda a experiência como aluna de escolas públicas que percebia a forma como os professores e alunos tratavam aqueles que se apresentavam com o cabelo fora do padrão (digo do padrão, branco, europeu), ou seja, cabelos lisos.

No meu caso, sofria duplo preconceito, quando usava o cabelo natural era estigmatizada por pessoas brancas e quando usava o cabelo liso, era rejeitada por pessoas negras. Essa dicotomia me fez despertar para a representatividade que o cabelo ou a forma como se utiliza os fios pode evidenciar como a sociedade lê o outro a partir das suas peculiaridades e dos seus posicionamentos. Inquietações como essas me instigaram o

desejo de pesquisar acerca desta temática a fim de desvendar/problematizar o que está nas dobras do comportamento dos jovens que hoje renunciam aos alisamentos capilares e deixam o cabelo ao natural: estão apenas seguindo uma tendência da moda atual ou de fato reconhecem o seu cabelo como uma forma de afirmação de identidade e de empoderamento do negro na sociedade em que se insere

Em outro momento: o preconceito contra os cabelos crespos atinge mais as mulheres negras ou aos homens negros? Essa discussão perpassa pelo discurso social, chega à sala de aula, na fala e no comportamento do professor e dos alunos e é pertinente se atentar sobre a questão e o papel da escola e dos professores como legitimadores de preconceito racial ou de desconstrutores de ideologias eurocêntricas. Haja vista que o professor, um ser social, também repete ideologias aprendidas ao longo da vida ou, de outra forma, utiliza do discurso da desconstrução de conceitos ao promover pesquisas, reflexões e debates em sala acerca do preconceito racial sempre presente em qualquer âmbito da sociedade.

Assim, para a investigação proposta encontrar consonância tem-se como princípio dar visibilidade aos grupos minoritários a partir de um olhar diferenciado para as questões sociais, ao invés de se sustentar no conhecimento que já está posto, vai em busca de ouvir as vozes daqueles que foram silenciados por um grupo opressor e dominante, impositor de ideologias eurocêntricas que dita o que é belo e o que é feio, o que é ser branco e o que é ser negro subalterno. Entre roda de conversas e longas escutas, utilizando como ferramenta a entrevista narrativa como coleta de dados da revisão bibliográfica de autores versados na temática acerca dos cabelos crespos e a sua representação cultural. Como ferramenta de desmontagem de conceitos, serão utilizados os trabalhos publicados por autores que além de poder fundamentar

a discussão acerca da negritude, por conta de suas publicações nesta área, contribui para o entendimento desta temática no espaço escolar, em especial, em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro desta pesquisa foi trabalhada uma maneira de apresentação do pensamento e obra de grandes homens e mulheres, uma forma que, não sendo nova, origina da filosofia destinando-se para a educação. Uma forma corajosa de apresentar, de representar o saber, de transcender. A educação transdisciplinar e a filosofia da educação como fenômeno educativo. Mas uma motivação cerceou o caminho das descobertas se impondo como necessidade, enxergando no transcorrer de todo o caminho: a desobediência. O não aceitar o problema da educação do repetir sem questionar, do fazer ciência, do pesquisar, o não aceitar como certo o que é dito como exato.

É preciso incorporar a prática da rebeldia na educação humanizadora com base na desconstrução de saberes, práticas racistas, e divulgação de experiências bem-sucedidas de educadores (as) e educandos (as) que promovam a igualdade racial no ambiente escolar. Essas rupturas cooperam para que se constituam um referencial na educação. Uma quebra de conceitos impregnados no fazer ciência, em nossos saberes que, na maioria das vezes avigoram as práticas coloniais. É preciso que entendamos a educação como arte, além de ciência. A representação de um estado de coisas, suportando representação e possibilidades de transformações de objetos alvos deste saber. É preciso que se entenda educação enquanto ciência, desta forma, se faz presente à contribuição para o agenciamento de uma prática educativa, um olhar em transformação, que pretende

singularizar esta prática em proposições discursivas. Atuando na criação de um corpo teórico a partir da observação do fenômeno.

Portanto, é preciso pensar uma educação escolar que avance na integração entre as questões étnico-raciais, ciência e filosofia, significa desenvolver uma discussão em torno das desigualdades sociais, no direito de ser diferente, das diferenças raciais, expandindo, assim, as propostas curriculares do nosso país. Certa de que o processo educacional é uma dos principais pilares e vias de acesso ao resgate da autonomia e da autoestima de criança, adolescentes e jovens negras (os).

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, G. *La formation de l'esprit scientifique*. 16. ed. Paris: Vrin, 1999. (Primeira edição, 1938).
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000a.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol.3, Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.
- GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*. 2002. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- GOMES, Nilma Lino. *Cultura negra e educação*. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2003.
- LODY, R. G. da M. *Cabelos de Axé: Identidade e resistência*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004.